

A EDUCAÇÃO E O TRABALHO EDUCATIVO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO PARA A RESISTÊNCIA SOCIAL E POLÍTICA DA CLASSE TRABALHADORA

Antonio Carlos de Souza
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP (Brasil)
Endereço eletrônico: acsouza@uenp.edu.br

Vanessa Campos Mariano Ruckstadter
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP (Brasil)
Endereço eletrônico: vanessaruckstadter@uenp.edu.br

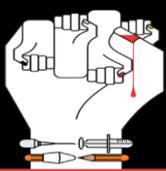
186

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir a educação e o trabalho educativo como espaço de formação para a resistência social e política da classe trabalhadora. A justificativa de tal discussão é que o modo de produção capitalista, a forma liberal de sociedade, cada vez mais estão ocupando o espaço educacional e cultural, para atender os seus interesses hegemônicos como classe dominante, como “aparelhos privados de hegemonia”. “O Estado tem e pede o consenso, mas também ‘educa’ este consenso [...], são organismos privados, deixados à iniciativa privada da classe dirigente” (GRAMSCI, 2020, p. 121). Daí a necessidade da classe trabalhadora conhecer o que é esta “sociedade política ou Estado e a sociedade civil (GRAMSCI, 2016, p. 21) como aparelho hegemônico “enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento, é um fato de conhecimento, um fato filosófico” (GRAMSCI, 2020a, p. 320).

METODOLOGIA

A metodologia adotada parte de revisão bibliográfica e que tem como referência teórica o materialista histórico e dialético referenciado no pensamento de Marx, Engels, Lênin, Gramsci, Mészáros e Dermeval Saviani, tanto como visão de mundo, quanto como método de análise e como práxis interventiva. Pauta-se na visão histórica, de totalidade das relações sócio-econômico-culturais em suas contradições e conflitos históricos. Como método de análise busca o real de forma “crítica, radical e de conjunto” (SAVIANI, 2002, p. 150). Além disso, a discussão se fundamenta na práxis, a



relação da teoria e prática, da reflexão-ação, como intervenção e transformação do estado atual de coisas, propiciando, assim, a perspectiva de novas sínteses no plano do conhecimento e da construção da realidade histórica.

Tais procedimentos são fundamentais para a educação da classe trabalhadora. “Para vencer a resistência dessas classes só há um *meio*: encontrar na própria sociedade que nos rodeia, educar e organizar para a luta, [...] e, pela sua situação social, *devam* formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo” (LÉNIN, 1984, p. 95). Tal pensamento apresenta uma potencialidade crítica de sensibilização, de resistência, de luta ao fazer a análise crítica do modo de produção capitalista e do Estado liberal, e ao propor, como desafio histórico à classe trabalhadora, a sua superação.

187

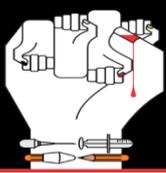
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A questão educacional, para o materialismo histórico-dialético, tem como primeiro pressuposto as condições materiais historicamente determinadas, as relações sócio-econômico-culturais. Por isso, os fundamentos da educação, nesta perspectiva, partem da concretude da vida real. “Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2002, p. 19-20).

Nas sociedades de classes, a educação e seus fundamentos diferem segundo as classes, porque “a classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção intelectual” (MARX; ENGELS, 2002, p. 48). Por isso, no modo de produção capitalista, dividida em classes antagônicas, só é possível um ser explorado defendendo um mesmo princípio daquele que o explora por uma imposição ideológica que camufla as reais condições de vida de ambos.

A educação, na perspectiva materialista dialético-histórica, na sua análise crítica da totalidade das ações humanas, procura compreender o movimento que se apresenta como real proposta de criação de novas relações humanas, no sentido de propiciar à classe trabalhadora a superação da exploração e do estado atual das coisas. Tal domínio só se realizará com a substituição do modo de produção capitalista por uma nova forma de associação, pois “é somente na comunidade que o indivíduo possui os meios de desenvolver suas faculdades em todos os sentidos; é somente na comunidade que a liberdade pessoal é possível” (MARX; ENGELS, 2002, p. 92).

Esta abordagem radical da educação, como mediadora das relações humanas, não permite a idealização ou o caráter redentor, de otimismo ingênuo, de previsibilidade



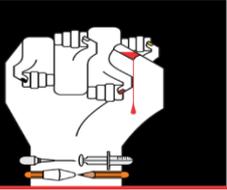
fatalista para a história humana. Mas, se a educação, nesta perspectiva, não tem caráter determinista, sua prática se apresenta com sentido de necessidade, possibilidade de superação do estado atual de coisas, de propiciar a consciência da necessidade ativa de compreensão do desenvolvimento histórico e da participação interventiva e transformadora. “A humanidade só enfrenta as tarefas que pode resolver [...] a própria tarefa só aparece onde as condições materiais de sua solução já existem, ou, pelo menos, são captadas no processo de seu devir (MARX, 2000, p. 52).

A educação dentro dos determinantes históricos do modo de produção capitalista, da sociedade liberal burguesa, de uma educação tecnicista, alienante, marcada pela lógica do lucro mercantilista, só pode ser superada mediante a luta teórica e prática.

A crítica ao modo de produção capitalista e Estado liberal requer, para sua superação, uma proposta pedagógica transformadora, um compromisso político e social dos educadores, dos educandos, da escola. É a dimensão política da educação, de não ajustamento, de não adaptação ao modo de produção capitalista, mas de ser uma mediação na formação de uma teoria e prática interventivas, na compreensão e ação sobre o mundo. “Quando afirmo que a educação é sempre um ato político, quero como isso frisar que a educação cumpre sempre uma função política. [...] a função técnica é sempre subsumida por uma função política (SAVIANI, 2002, p. 212).

Nesse sentido, a educação cumpre a missão de uma contundente crítica das concepções e práticas educacionais atreladas à lógica do capital, que tem no individualismo, no lucro mercantilista, na competição e exploração do trabalho seus fundamentos e práticas. A educação capitalista não vai além da reprodução, legitimação e manutenção da ordem dominante vigente, incapaz de transcender os limites do capital. “A educação para além do capital visa uma ordem social qualitativamente diferente. Agora não só é factível lançar-se pelo caminho que nos conduz a essa ordem, como o é também necessário e urgente” (MÉSZAROS, 2005, p. 71-72).

Assim, a educação é entendida dentro do processo de produção histórica, como um movimento dinâmico, contraditório, que está sendo construída a cada dia por indivíduos que estão vivendo seu momento histórico, como produtos e produtores das determinações históricas. Só assim é possível acreditar, possibilitar e fazer acontecer concretamente as transformações, as “necessárias aspirações emancipadoras” (MÉSZÁROS, 2005, p. 59).



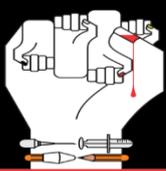
CONCLUSÕES

Se, por um lado, não acreditamos no poder redentor da educação, da escola, fundada sob as determinações do modo de produção capitalista e da forma de Estado liberal, também como não acreditamos na educação e escola atual serem um espaço de pura reprodução dos interesses das classes hegemônicas, dominantes. Assim, se a escola atual faz parte de uma sociedade dividida em classes sociais, ela é lugar, no campo teórico e prático, de disputas de projetos de sociedade, de luta pela hegemonia. É neste movimento que “é necessário modificar as condições sociais para criar um novo sistema de ensino; por outro lado, falta um sistema de ensino novo para poder modificar as condições sociais” (MARX; ENGELS, 1983, p. 96).

Por isso, a necessidade da classe trabalhadora de ter acesso ao sistema escolar, às ciências, à técnica, de ocupar os espaços de debates, de ter conhecimento do funcionamento da sociedade, pela dura, mas necessária escola da vida, escola do trabalho, já que “é através da crítica da civilização capitalista que se formou ou está formando a consciência unitária do proletariado, e crítica quer dizer cultura e não evolução espontânea e naturalista” (GRAMSCI, 1979, p. 84).

Defendemos uma escola, uma educação, que prime pela autonomia intelectual, moral, criativa da classe trabalhadora, condição necessária para que esta tenha conhecimento e controle dos meios, processos e resultados da produção. Daí a combinação da educação intelectual com a produção material, ou usando a formulação de Marx, combinação de instrução intelectual, corporal e politécnica. Dessa forma “a educação libertará a classe trabalhadora do caráter unilateral que imprime a cada indivíduo a atual divisão do trabalho” (MARX; ENGELS, 1983, p. 95).

A história é o conjunto das ações humanas em movimento nos diversos espaços sociais. Se os princípios e práticas da escola liberal é a competição, a meritocracia, o individualismo, o seu antagonismo é a cooperação, a associação, a igualdade. “Para vencer a resistência da classe dominante *só há um* meio: unir, educar e organizar para a luta, na própria sociedade que nos rodeia, às forças que podem e, por sua situação social, *devem* formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo” (LÉNIN, 1984, p. 95) e lutar por um “tipo único de escola [...] que conduza o jovem até aos umbrais da escolha profissional, formando-o, durante este meio de tempo, como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (GRAMSCI, 2016, p. 50).



PALAVRAS-CHAVE: Educação revolucionária. Classe trabalhadora. Luta pela hegemonia.

REFERÊNCIAS

GRAMSCI, Antonio. Socialismo e cultura. In: *Escritos Políticos*. V. 1. Lisboa: Seara Nova, 1976, pp. 81-185.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. V. 2. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política*. V. 3. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. Introdução ao estudo da filosofia - A filosofia de Benedetto Croce*. V 1. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020a.

LÉNIN, Vladimir Ilich. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. Obras Escolhidas 2. Lisboa: Avante, 1984.

MARX, Karl. *Crítica da Economia Política. Introdução*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Textos Sobre Educação e Ensino*. São Paulo: Moraes, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MÉSZÁROS, István. *A Educação Para Além do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2002.

